

Achados intermediáticos na literatura eletrônica de *Wattpad*

Jennifer da Silva Gramiani Celeste¹

Rogério de Souza Sérgio Ferreira²

Resumo: Este artigo almeja apresentar investigações no campo de intersecção entre Estudos Literários e Interartes. Para isso, parte de alguns dos principais registros presentes em uma tese de doutoramento já defendida na área de Literatura. A pesquisa objetivou dissertar a respeito das perspectivas em relação à manifestação literária de cunho eletrônico, em especial, aquela produzida em *Wattpad*, uma plataforma virtual de autopublicação. Neste texto, o foco se debruça sobre a obra *Aika*, assinada por Lúcia Lemos, uma *wattpader* brasileira. Os livros dessa autora são exemplos da arte que possui caráter intermediático, pois neles diferentes mídias se convergem, criando resultados ímpares. Em função do caminho trilhado, os aportes teóricos de alguns estudiosos se fizeram necessários, tal como é o caso de Vilém Flusser, Claus Clüver, João Maria Mendes e Irina Rajewsky. Em geral, percebemos que a Literatura Eletrônica têm logrado conquistar espaço dentre as muitas formas de ser, estar e existir do texto quando em tempos contemporâneos e digitais, sobretudo se sob a tenda da intermedialidade.

Palavras-chave: Literatura eletrônica; Intermedialidade; Autoria independente; *Wattpad*.

Introdução

A expressão literária tem experienciado muitas transfigurações desde o seu advento. Aqui, não nos referimos apenas à materialidade de seus substratos – o que *per se* já equivale a um tópico que nos tomaria grande atenção. Também fazemos menção às formas de produção dos textos, o que se potencializou justo em razão da pluralidade de suportes nos quais a escrita hoje se constitui possível. Exemplo disso, decerto, é a viabilidade ofertada pelo ciberespaço, que proporciona às artes em geral, e à Literatura, em particular, uma gama diversa de modos de ser, estar e existir, sobretudo na temporalidade contemporânea, digital em sua essência.

¹ Servidora pública efetiva da Prefeitura Municipal de Matias Barbosa-MG, atuando como professora de educação básica. Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com pós-doutorado em andamento em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Letras pelo UniAcademia. Especialista em Alfabetização e Letramento: Diferentes Linguagens e Sua Aprendizagem e Psicopedagogia pela Faculdade Metodista Granbery. Licenciada em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharela e licenciada em Psicologia pelo UniAcademia. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7869-4522>. E-mail: djeceleste@gmail.com.

² Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento em Letras pela Universidade da Califórnia. Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-6365-9772>. E-mail: rogeriossferreira@gmail.com.

Seguindo por essa esteira, partimos em viagem rumo ao vasto universo das obras de origem eletrônica, sediadas por plataformas virtuais de autopublicação literária ou *websites* especializados no ramo. Os produtos que resultam da relação homem-máquina são dos mais diversos e inusitados, conforme tivemos a oportunidade de constatar mediante a realização de uma pesquisa de doutoramento, já defendida, circunscrita ao campo dos Estudos Literários. A cargo de esclarecimento, tese se debruçara sobre os textos confeccionados e divulgados em *Wattpad*, uma comunidade virtual que se propõe a oferecer espaço à produção dita literária. Nesse ínterim, realizamos um estudo investigativo acerca das novas configurações literárias proporcionadas pelas novas tecnologias conectadas à Internet, atendo-nos, para tanto, às obras da autoria de duas *wattpaders*, a estadunidense Anna Todd, e Lúcia Lemos, de nacionalidade brasileira. Sendo assim, tornamo-nos capazes de redescobrir o cenário atual que compreende as práticas de Literatura Eletrônica com base em algumas produções que nascem em *Wattpad*.

Diante disso, este artigo sugere uma imersão em achados significativos a respeito da produção literária que ocorre na plataforma *Wattpad*. A fim de nortearmos nossas discussões, selecionamos à análise a obra **Aika**, assinada por Lúcia Lemos, usuária brasileira. Isso, pois o legado de Lemos é repleto de peculiaridades aptas a nos possibilitar o acesso a questões que são interessantes para compreendermos, embora restritamente, o âmbito da criação eletrônica. Além disso, os títulos que compõem sua obra possuem marcas de uma escrita intermediária, o que favorece o encontro entre mídias e a densa complementação de uma em relação a outra, proporcionando como resultado final um espectro de possibilidades, diverso e surpreendente. Para nos orientar sobre as trilhas desse caminhar, contamos com as contribuições teóricas de estudiosos dos campos de saber relativos aos Estudos Literários e Intermediários, tais como Vilém Flusser, Claus Clüver, João Maria Mendes e Irina Rajewsky, nomes proeminentes que nos auxiliam a entender cada vez mais o universo repleto de novidades que é a Literatura.

Retratos de uma escritora na/da contemporaneidade digital

Aika é inspirada por aura estética alusiva à cultura de viés oriental. Genericamente, é descrita por Lúcia Lemos em seu *blog* dedicado à obra, **Gattai No Sekai**, enquanto saga que dialoga com os gêneros de aventura e fantasia. Narra a jornada de Aika, uma adolescente nipo-

brasileira, e os desafios enfrentados a fim de salvar seu herói de anime/mangá predileto, Kurikara. Paralelamente, na página inicial de *Wattpad*³ que introduz o leitor ao primeiro livro, esclarece não ser **Aika** uma *fanfic*, ou seja, uma ficção produzida por e para fãs. Enfatizamos esse aspecto, pois a plataforma virtual selecionada como espaço de acolhimento de seus textos constitui-se como reduto de produções do gênero, ademais, por se utilizar de recursos outros, dentre ilustrações, menções a animes e mangás, além de citações de letras de música.

Influenciada por um colega de trabalho, quem a alegara ter talento para a escrita a partir da leitura de um dos esboços iniciais de **Aika**, quando o texto ainda se abrigava no bloco de anotações companheiro de todas as horas, Lemos remonta-se a uma época na qual *Wattpad* era por ela concebido como experimento, inaugurando esclarecimentos que integram entrevista concedida ao *blog Entre Linhas, Entre Pautas*: “[...] foi ele que me sugeriu escrever o livro e ir postando lá para ver se as pessoas gostavam, pois havia editoras grandes observando as obras mais lidas para uma eventual publicação física [...]” (LE MOS, 2021, n.p.). Aqui, toca-se em tópico de suma relevância no que concerne ao lançamento de perspectivas às tendências da produção literária no Brasil, podendo ainda ser observadas nos demais países. Trata-se da procura de interfaces de publicação, tais como *Wattpad*, a fim de efetuar contato primeiro com a querela literária. Quando Lemos nos diz que entendera o *website* como local de experimentações, conforme exposto, sua fala torna-se melhor compreensível: “[...] como não tinha ninguém me esperando ou controlando, o *Wattpad* me permitiu ajustar o livro várias vezes e várias coisas saíram ou foram modificadas [...]” (LE MOS, 2021, n.p., grifo da autora).

Viabilizar mutações ao texto, afinal, aparenta concorrer com a ideia há muito pela *Web* difundida de que espaços congêneres são utilizados com propósito único e primordial de publicação no meio impresso, e não enquanto comunidades destinadas à disponibilização de obras literárias de maneira exclusiva no ambiente virtual, aproveitando-se das singularidades que emergem desse tal território, por exemplo. Então, à plataforma *Wattpad* aqui em relevo, atribuímos mais uma funcionalidade: imputar ao texto uma espécie de benefício da dúvida antes de eternizá-lo sobre a materialidade perene outorgada pela celulose, capacitando a ele assumir múltiplas e potenciais faces de acordo com as ofertas do ciberespaço ou atualizações da plataforma eleita a constituir abrigo ao produto em questão. Como não seria diferente, a

³ *Website* que possibilita a confecção, publicação e divulgação de histórias categorizadas sob os mais diversos gêneros. Para mais informações, sugerimos acesso ao seguinte *link*: <http://www.wattpad.com>. Acesso em: 28 fev. 2023.

audiência leitora também influi no resultado final por vezes admitido na interface virtual – anterior às mãos do editor, obviamente: “[...] através de recepção e comentários, percebi que algumas cenas ficavam longas demais e muito confusas, ou os leitores reclamavam quando eu inseria descrições em excesso [...]” (LEMOS, 2021, n.p.). Mas o melhor estava por vir.

Ainda conectada às telas, Lúcia Lemos enfrenta um delicado quadro de Fibromialgia, uma síndrome bastante comum nos consultórios clínicos de Reumatologia. Sua condição fora lembrada ao relatar a surpresa com relação às gratificações que ganharam as obras da coleção de sua autoria, o que ocorreu concomitante à descoberta do diagnóstico. Verdadeiramente, o primeiro livro da saga já reunia considerável quantitativo de fãs e consequentes visualizações antes mesmo da congratulação advinda do concurso *The Wattys*,⁴ no ano de 2016 (Figura 1). Segundo a menção de Lemos (2021), os títulos literários atrelados ao gênero da fantasia estão quase sempre presentes no topo da lista de obras mais lidas no *website*, assim como naquela que demonstra as pesquisas mais populares por parte dos utentes leitores. Isso, decerto, ajudou a criadora de Aika e sua turma a tornar mais amplas as suas possibilidades de crescimento como escritora-internauta. Conquanto, surpreende-nos a sua afirmativa acerca do preconceito ao qual a saga se expôs por pertencer ao circuito de produções dedicadas à cultura oriental, mesmo após receber menção honrosa cedida pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social em virtude de nos apresentar trama e personagens fictícios e cativantes – Prêmio Bunkyo de Literatura (2017): “[...] as pessoas perto de mim me diziam que só leriam Aika impresso, e isso era extremamente frustrante. Era como se dissessem que *só quando a história ganha livro é que ela vale a pena* [...]” (LEMOS, 2021, n.p., grifo nosso).

⁴ *The Wattys* é um concurso anualmente promovido por *Wattpad* para celebrar a Literatura Eletrônica e premiar as melhores narrativas literárias ali manufaturadas.



Fig 1 Capa de **Aika**: a canção dos cinco, com o selo de identificação relativo à premiação *The Wattys* (2016), e a capa de **Aika**: o tabuleiro do oráculo. Fonte: *Wattpad*. Acesso em: 28 fev. 2023.

Os prêmios conferidos aos seus registros originalmente eletrônicos auxiliaram apenas na difusão das obras publicadas no ciberespaço, “[...] mais do que no meio impresso [...]” (LEMONS, 2021, n.p.). Posterior à aclamação na plataforma virtual, porém, as honrarias concedidas aos feitos de sua autoria supostamente suscitaram grande interesse por parte de uma editora especializada na publicação de obras de fantasia, a PenDragon, a qual se responsabilizou pelo lançamento dos dois títulos até então constituintes de **Aika** sob o formato impresso. Um breve passeio pelo *website* da referida editora nos demonstra sua metódica organização em relação à publicação de livros convencionais ou *e-books*, que divide as propostas em “Velhos Dragões” e “Novos Dragões”, segregando escritores já experientes e cujas obras são possuidoras de audiência daqueles que pretendem ainda iniciar suas carreiras no ramo e, por conseguinte, encontram-se em busca de uma fiel base de leitores e seguidores. Indo além dessas premissas, a editora trabalha sobre os sustentáculos há tempos conhecidos pelos bastidores do mercado editorial de livros: “[...] quando recebemos um original, ele é avaliado de todas as formas. Qualidade da história, capacidade de prender o leitor, *viabilidade para o mercado*, projeto gráfico aplicável, *além do próprio autor como pessoa pública que é ou que se tornará* [...]” (PENDRAGON, 2021, n.p., grifos nossos). Aquela rede de produção e consumo de preferências e tendências à qual se refere Tânia Pellegrini no artigo **A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado** (1997), é o que em parte sustenta a viabilidade para o mercado

trazida à luz pela editora PenDragon.⁵ Enquanto isso, a metade que atua como par da variável consiste em considerar a figura do autor uma das principais peças-chave ao sucesso do empreendimento.

Por isso, o escritor da atualidade equivale a um produtor que presta seus serviços para o mercado, impondo-lhe conhecer e aceitar suas regras (PELLEGRINI, 1997), a despeito das novas relações entre autores, livros e mercado terem sido bruscamente transfiguradas a partir da possibilidade de editar textos autorais com maior celeridade, “[...] seja pela utilização da informática como suporte, seja pela multiplicação de pequenas editoras por todo o país [...]” (RESENDE, 2008, p. 25), segundo a pesquisadora Beatriz Resende em **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI** (2008). Já era sabido que o espaço oferecido pela *World Wide Web* viria a ser amplamente explorado por pretensos contadores de histórias, atrelando-se a esse tal fato a exequibilidade de fazer com que um dado material circulasse de maneira mais rápida e eficaz, o que inevitavelmente findou no surgimento de ramificação crítica não especializada, *a priori*, nos *blogs* e *websites* voltados ao fim (RESENDE, 2008), e hoje, populares nos canais do *YouTube* e perfis do *Instagram*, liderados por *booktubers* e *bookinstagrams*, respectivamente. Muitas vezes, é o próprio autor o responsável por também assumir o encargo de marqueteiro quanto à divulgação de suas iniciativas literárias, dividindo o seu tempo de escrita com outras atribuições a ele adequadas no contexto da produção independente – *designer*, diagramador, revisor e relações públicas ou, referindo-se ao teórico Alberto Manguel, que assina **Notas para uma definição do leitor ideal** (2020), uma espécie de “monstro tripartido” entre autor, editor e leitor, cujo nascimento foi propiciado, é claro, pelo engendrar da eletrônica. Embora haja numerosas vantagens – “[...] dar mais carinho ao projeto e garantir mais qualidade de impressão [...]” (LEMOS, 2021, n.p.) –, o fazer literário que ocorre de modo solo guarda também os seus desafios, tais como investir capital expressivo ou encontrar aqueles que de fato possam contribuir à promoção e ao alcance dos produtos.

Tomando caminhos contrários a essas últimas constatações, os resultados alcançados pelo levantamento de dados realizado por Juliana Meireles Fortaleza apresentam panorama curioso à situação, ainda que apto a fundamentar as considerações que aqui trazemos à luz. Divulgada pelo **Publishnews**, um renomado *website* dedicado aos principais acontecimentos

⁵ Embora seus apontamentos datem do século passado, a professora Tânia Pellegrini é precursora e nos auxilia a entender em linhas gerais as mutações do mercado editorial perante o advento das mídias.

do universo editorial contemporâneo, a pesquisa, colocada em prática no remoto ano de 2016, reuniu uma média de oitenta autores independentes e fora capaz de apontar futuro promissor às ferramentas de autopublicação virtuais associadas à posterior publicação impressa dos materiais eletrônicos. Logo, as informações coletadas demonstraram que 34,57% dos tais entrevistados desejavam publicar seus livros no tradicional formato promovido pelo papel, e aproximadamente 6,17% indicaram certa inclinação à possibilidade de transformar os feitos literários de suas autorias em livros impressos apenas sob demanda significativa, mantendo-os como arquivos digitais. Tendendo à flexibilidade quanto às materialidades do texto, a maioria exprimira ambição em disponibilizar as obras sob ambos os formatos mais populares, entre digital e impresso. Ainda, a reportagem nos deixa a par do achado da empresa *Bowker* no que tange ao vertiginoso crescimento de 21% na emissão de ISBNs para livros autopublicados nos EUA, o que fundamenta a suposição de que um montante maior de escritores independentes tem procurado formalizar seus registros, diferenciando-os dos textos em geral presentes na *Web*. Essas informações podem ser corroboradas ao nos fundamentarmos no aumento da adesão do público navegante às plataformas virtuais de autopublicação, um fato constatado a partir de olhar atento à prática que ganhou admiradores nos primórdios da pandemia do novo Coronavírus, de acordo com reportagem de 2021 assinada por Mateus Omena para a **Forbes**.

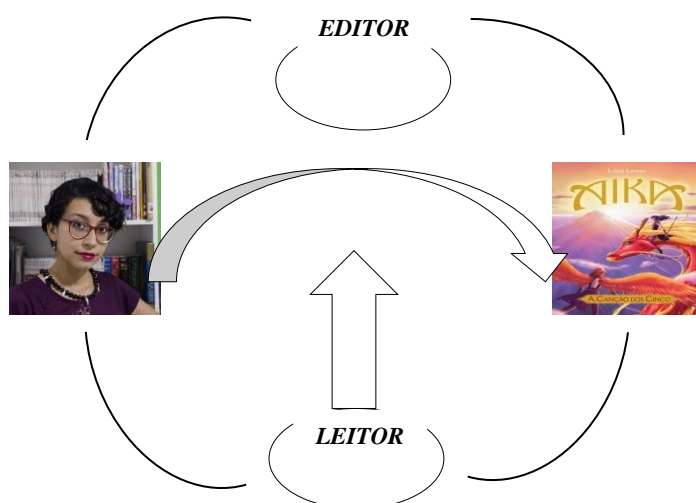
Considerável empecilho ao alcance do grande público, a dificuldade de acolhimento advinda das livrarias em relação aos títulos impressos e editados de maneira independente constituiu-se parte integrante do assunto discutido por Lemos (2021, n.p., grifo nosso) no decurso do despretenso diálogo virtual: “[...] é algo tão caro e burocrático que até editoras menores não conseguem colocar livros nelas [...], porém, chega a ser irritante o número de pessoas que dizem que *só lerão seu livro se o encontrarem em livrarias [...]*”. Ademais, as escolas e bibliotecas são apontadas em sua referida fala enquanto locais de difícil acesso para os artistas pertencentes ao nicho, em consonância aos pontos de comércio dos livros, antes mencionados. Essa tal problemática é enfrentada desde temporalidades remotas, quando no início da era de ouro ofertada pela invenção gutenberguiana qualquer escritor era imbuído da capacidade de pagar pela impressão de seus registros – uma forma rudimentar de produção independente –, mas ainda sim observava-se dificuldade em conseguir colocar os livros nas mãos dos leitores, aqueles para os quais de fato os produtos haviam sido confeccionados, conforme historicizado em **O mundo da escrita**: como a literatura transformou a civilização

(2019) pelo professor Martin Puchner, quem assina essa obra teórica. Atualmente, segundo apontado por tal autor, graças à gênese dos dispositivos eletrônicos e da possibilidade de sua conexão à grande rede, com seus *websites* especializados, *softwares* gratuitos ou aplicativos digitais de baixo custo, verificou-se à disposição uma espécie de permissão mais ampla e difusa ao fazer literário, habilitando qualquer sujeito a cobrir-se com o manto autoral. Embora tais mudanças de rumo preocupem os editores (PUCHNER, 2019, p. 377), devemos nos lembrar do infortúnio de que possuir essa vestimenta não necessariamente irá direcionar aquele que a veste ao estrelato.

Provavelmente, o editor corresponde à personalidade de maior prestígio após o escritor nesse imbricado campo de atuação proposto pela Literatura. Não é à toa que sua figura ganha destaque nas teorizações de autores da área, tais como Vilém Flusser, responsável pelo título **A escrita: há futuro para a escrita?** (2010). Referindo-se especificamente ao texto de natureza impressa, o qual detém um lugar cativo na produção de Lúcia Lemos, o supracitado estudioso acredita ser o produto em papel o resultado da consequência de amistoso aperto de mãos entre aquele que o escreve e seu editor, convergindo sinuosamente à apresentação dos vestígios de ambos. Todavia, todo o processo que ocorre na era digital no que diz respeito às produções eletrônicas não segue o comum preceito de que “[...] a mão de quem escreve foi levada pela do editor [...]” (FLUSSER, 2010, p. 73), pois a tecitura do texto literário que nasce no meio virtual ocorre de maneira distinta e singular quando em paralelo à morfologia predominante no códice impresso ou ainda em outras maneiras de se proceder literariamente. Às vezes, é o escritor-internauta quem a si mesmo delega tarefas das mais inusitadas, dentre elas, a edição – salvas as exceções nas quais o navegante dispõe de alguém capacitado para ajudá-lo.

Entretanto, isso não significa que procedimentos próprios à feitura e publicação de uma obra tenham desaparecido no ato mediado por ferramentas eletrônicas, de acordo com Roger Chartier em **A mão do leitor e a mente do editor** (2014), título por meio do qual nos indaga sobre as circunstâncias de produção encabeçadas por autores da atualidade digital, quase sempre gestores únicos de suas carreiras: “[...] será que essa situação é diferente agora que os livros são geralmente impressos com base num texto redigido e corrigido pelo autor na tela do computador? [...]” (CHARTIER, 2014, p. 41). O que acontecera, afinal, é a mudança de paradigmas impostos pelas materialidades potenciais do texto, implicando sustentar o ciclo descrito por Flusser (2010, p. 74) de que os trâmites da edição culminam metaforicamente na

impressão da obra sobre o leitor e, posteriormente, podemos assim hipotetizar, na manufatura concretizada pelo autor, o qual se fundamenta na recepção do público para compreender sua função enquanto contador de histórias conivente às engrenagens mercadológicas e o valor que apresenta os seus livros a outrem – “[...] escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos [...]” (CANDIDO, 2010, p. 86), diz Antonio Candido em **O escritor e o público** (2010). Diante disso, podemos entender que o editor se sobrepõe ao olhar do escritor e ali, junto a ele, passa também a protagonizar (Figura 2):



“[...] Em textos escritos, escritor e editor tramam para informar o leitor – para deixar-lhe uma impressão. Primeiro, a expressão do autor; depois, a contrapressão do editor; em seguida, a impressão da gráfica; por última, a impressão sobre o leitor [...]”. (FLUSSER, 2010, p. 74).

Fig 2 Relação entre autores, editores e leitores (com base nas descrições de Flusser (2010, p. 74). Fonte: Elaborado pelos autores.

Em grande parcela, os eventos voltados às atuais realizações literárias podem servir como espaços e momentos pertinentes ao afetuoso encontro entre autores e leitores, às novas possibilidades de contatos e vínculos de interesse e, por que não, também à vasta difusão dos produtos em questão. Porém, dadas as experiências vivenciadas por Lemos, entendemos que nem tudo se resume a glamour e que fazer perdurar os quinze minutos de fama requer muito mais do que sorrisos às fotos ou tardes de autógrafos – “[...] o autor tem que vender para pagar o espaço e a publicação. Logo, a gente quase não tem tempo de conversar nem com outros autores [...]” (LEMOS, 2021, n.p.). Assim, a interação com leitores ou a apresentação da obra a outros potenciais grupos de apreciadores acaba por ser sufocada pela obrigação em relação à

concretização de vendas irrisórias, justo em razão do inexistente apoio oriundo de editoras e entidades responsáveis pela maioria dos lançamentos no mercado impresso.

Ora, percebemos não ser suficiente o apadrinhamento de uma editora, com os recursos que lhe cabe aplicar durante a promoção deste ou daquele livro no contexto mercadológico – ainda que o peso do fracasso de um lançamento não deva ser atrelado unicamente a essa veia pertencente ao sistema literário. Bastante também não se faz a publicação da obra enquanto produto impresso, o que perturba a estrutura imanente ao mercado e enfraquece a legitimação dessa vertente de publicação que ainda hoje insiste em habitar o inconsciente coletivo social como detentora de adjetivos positivos vários, elevando-a a patamares ironicamente inerentes aos seres humanos – afinal, um livro manufaturado sob moldes tradicionais é capaz de ser tão acolhedor quanto um sujeito, e ao sê-lo, nas palavras da antropóloga Michèle Petit, no título **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje** (2019), constrói-se como “[...] uma espécie de cabana que se pode carregar consigo; nós a abrimos, entramos, podemos voltar a ela, e sob esse aspecto seria preciso estudar mais de perto o que ocorre com os livros eletrônicos e *tablets* [...]” (PETIT, 2019, p. 46, grifo da autora). Outrossim, a imagem do escritor é importante, mas não determina o sucesso de suas iniciativas no ramo literário.

Não pensemos que falta ao autor contemporâneo atuar profissionalmente em relação ao ofício que se dispõe a realizar. O vocábulo “profissional”, segundo Maria Teresa Andruetto em **Por uma literatura sem adjetivos** (2012), incide-nos uma desconfiança sem precedentes. Afinal, a profissionalização ameaça aquele que escreve e suas respectivas criações; pretensos produtos dos desvios e das tentativas aleatórias em busca de algo que seja relevante a outrem e esteja apto a demonstrar caminhos possíveis ao autoconhecimento daquele que manufatura. Além disso, ao exigirmos que o autor desta atualidade se utilize desse artifício, tecnicamente também o invocamos a se obstinar a uma forma “[...] oficial, aceita, legal, correta, adequada de produzir textos [...]” (ANDRUETTO, 2012, p. 193), o que decerto o afasta dos princípios abertos e maleáveis que têm regido as maneiras de se expressar que o espectro de viabilidades ciberespaciais trouxera ao exercício literário e a outras atividades executadas via Internet.

E se a Literatura Eletrônica não é responsável por burlar as regras em algum momento impostas pela crítica e o modo de fazer por ela satisfatoriamente acatado, qual outra vertente dessa manifestação assim o faria eximamente? É portanto nesta passagem que alcançamos a necessidade de colocarmos sob um prisma de maior expressividade a faceta multimodal que o

texto de Lemos oferece aos seus apreciadores, provando-nos que nem mesmo a ausência dos *hyperlinks* é capaz de afetar o processo criativo de um artista que confecciona sua arte na *Web*. Para além da assunção do encargo de escritora-internauta, a criadora de **Aika** é profissional da área de *Design*, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Paralelo à sua atividade literária na Internet, atua como ilustradora de livros infantis, abrindo comissões para trabalhos enquanto *freelancer* por intermédio de chamadas postadas em algumas de suas redes sociais. Assim, não poderia deixar de aplicar seu domínio técnico sobre as histórias que disponibiliza em *Wattpad*. Os personagens e cenários que constituem suas ilustrações possuem traços que caracterizam as produções de animes e mangás japoneses, ainda que por isso tenha enfrentado alguns julgamentos de cunho negativo: “[...] no fandom de mangás, sentia preconceito por ser mulher e, conseqüentemente, acharem que Aika era um romance, ou preconceito por ser uma obra nacional [...]” (LE MOS, 2021, n.p.). Sua motivação em ilustrar desenhos sob as chancelas do estilo tipicamente japonês, porém, antecede quaisquer incômodos que porventura possam ter sido a ela causados mediante a recepção de seus títulos por parte da audiência. Afinal, obras circunscritas à estética oriental ajudaram-na a irromper por momentos difíceis da adolescência e, atrelado a isso, alimentar extasiada admiração pelo traço pertencente aos animes e mangás.

Tal como iremos averiguar, os textos de **Aika** confeccionados na interface *wattpediana* compartilham espaço harmonioso junto aos artifícios provenientes do território ciberespacial. Aproveitando-se, portanto, dessa questão, Lemos ilustra suas próprias narrativas. Todavia, antes de prosseguirmos com as nossas propostas analíticas, apresentamos os livros de sua coleção e seus respectivos anos de publicação na plataforma de *Wattpad* até o presente:⁶

- (i) **Aika**: a canção dos cinco (2015);
- (ii) **Aika**: o tabuleiro do oráculo (2018).

Apesar do depósito de olhares efetivado neste estudo não se ater especificamente às interfaces pertencentes a outras páginas dedicadas à feitura literária ou congêneres, é preciso destacar a atuação da autora no universo dos quadrinhos e das *graphic novels* por intermédio

⁶ Para fins informativos, uma prévia do terceiro livro de **Aika**, sem título definido, fora publicada por Lemos em *Wattpad*. Apesar da previsão para disponibilização de seus capítulos ter sido cogitada para meados de 2021, a última atualização da página dedicada ao volume aconteceu em 24 de dezembro do ano de 2020. Esses dados foram coletados em 28 fev. 2023, em *Wattpad*, estando sujeitos a alterações.

da utilização dos recursos oferecidos por *Tapas*,⁷ *website* que possibilita ao seu navegante postar e divulgar *webcomics*⁸ de sua autoria. As histórias são efetuadas em suportes outros, tais como papel ou mesmo o ambiente virtual, sendo publicadas nessa supracitada plataforma de acordo com a sua procedência – escaneamento/digitalização para papéis ou *upload* direto para produções digitais, por exemplo. Lembremo-nos de que Lemos, anterior à função como escritora, atende por *designer* e ilustradora, fato seguramente essencial à compreensão quanto ao seu debruçamento em relação a essa tal forma de manifestação artística. Alia-se à estética oriental proposta pelas obras que integram a coleção original, acessada em *Wattpad*, já que o título disponibilizado em *Tapas* se refere a um mangá inspirado nas narrativas de **Aika**.

As obras de título **Aika especial**: a pérola cósmica de Kinryuu (2016) e **Aika especial**: quando nasceu a amizade (2019a), consistem em *spin-offs* da saga **Aika**. Algo que nos alerta a atenção decerto tange ao fato de que a primeira história bônus é retratada sob circunstância outra e, conseqüentemente, distinta àquela a qual a escritora-internauta selecionara ao eixo narrativo que lhes deu origem (Figura 3). Ao acolher o universo dos mangás, Lemos dita ela mesma a convergência midiática para sua franquia, não necessitando do consentimento ou investimento de outrem durante seu próprio processo criativo. Empregando o saber adquirido no transcorrer de alguns anos de estudo, unindo o útil ao agradável e, é claro, utilizando-se daquilo o que a *World Wide Web* tem de melhor a ofertá-la enquanto artista e navegante do mar ciberespacial de potencialidades, a *wattpader* emerge no horizonte que teóricos da área já haviam esboçado, relativo ao favorecimento das formas de comunicação em tempos atuais e digitais tomando-se como alicerce fundamental as intersecções entre diferentes modalidades de linguagem e expressão. Enquanto isso, o segundo *spin-off* fora confeccionado em *Wattpad*.

Um espectro de produção semelhante desenvolve-se também no âmago da publicação de papel, acima de tudo aquela que se volta aos interesses da audiência juvenil, como é o caso dos livros assinados por Lemos. Nossa lembrança nos permite mencionar o legado literário de Paula Pimenta, escritora mineira famosa pela coleção **Fazendo meu filme** (2009), que ganhara *spin-offs* em quadrinhos com traços orientais. Outra autora cativa do público adolescente, Bruna Vieira, blogueira e influenciadora digital, aventurou-se ao se expressar sob formas convencionalmente distintas e distantes à prosa tradicional, em trilha diversa àquela tomada ao

⁷ *Tapas*: <http://tapas.io>. Acesso em: 28 fev. 2023.

⁸ As *webcomics* são histórias em quadrinhos cuja publicação é veiculada no ciberespaço.

produzir os demais livros por ela lançados – **Quando tudo começou** (2015) e **O mundo de dentro** (2016), ambos títulos assinados em parceria com a quadrinista Lu Caffagi, conhecida por seus projetos em parceria com Maurício de Sousa. Juntamente à situação de **Aika**, os exemplos provenientes do universo dos registros impressos evidenciam as estratégias de arremate do público pela via do fazer múltiplo, viabilizado pela diversidade que emerge das mídias contemporâneas, bem como do perfil multifacetado da parcela leitora.

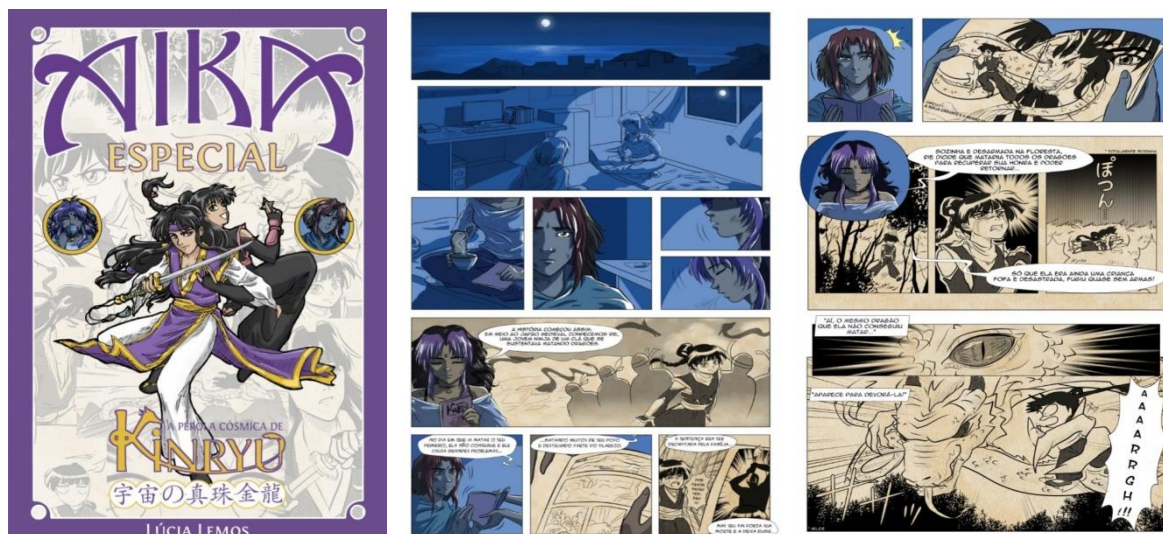


Fig 3 Algumas páginas de **Aika especial**: a pérola cósmica de Kinryuu. Fonte: *Tapas*. Acesso em: 28 fev. 2023.

Como sabemos, os dois principais volumes da saga foram posteriormente adaptados ao formato impresso pela editora PenDragon. Quando trazidas ao papel, as obras careceram de adequações pertinentes ao trâmite, sendo desconsiderados os tais *spin-offs* antes apresentados, o que resulta em uma notável diferença no que concerne ao quantitativo de publicações que ocorreram em distintos meios. Ainda, salientamos que os dois primeiros livros da coleção também possuem suas versões *e-book*, comercializadas pela Amazon, livraria *online*, tendo sido editadas no aplicativo KDP, licenciado pela supramencionada empresa, o qual possibilita ao escritor autopublicar-se sobre o formato eletrônico e usufruir de muitas funcionalidades.

A seguir, eis a nossa proposta de análise da coleção literária eletrônica em destaque.

A saga *Aika*, de Lúcia Lemos

As obras de **Aika** hoje ofertadas à leitura na interface wattediana são amostras dos textos postados na plataforma a partir do ano de 2015. O motivo disso acontecer diz respeito à publicação ter ocorrido também sob os moldes editoriais, sendo uma das condições para tal o deletamento de uma parte da narrativa presente no ambiente eletrônico. Por isso, encontramos aproximadamente um terço da história cuja completude pode ser acessada apenas no papel. Podemos justificar esse quadro com base na simples noção de que se um produto qualquer faz-se presente em um dado meio, seu acesso, ao ser transposto a outras materialidades, constitui-se prejudicado, já que o fator da gratuidade, por exemplo, facilita e torna viável aos consumidores a escolha por um suporte em detrimento de outro, embora os movimentos de alternância e migração, comuns na atualidade, possam coexistir harmoniosamente, ditando trâmites inovadores ao mercado. Ademais, devemos mencionar questões relativas aos direitos de publicação do texto que as editoras passam a possuir a partir do contrato junto a escritores. Perante a isso, trabalharemos com os registros ainda acessíveis ao público leitor de *Wattpad*.

Genericamente, os volumes considerados para este estudo possuem uma média de dez capítulos publicados na plataforma virtual, sendo que alguns foram divididos em duas partes. Enquanto o primeiro livro da coleção inicia-se convencionalmente no primeiro capítulo, o sucessor dá início à história somente a partir do vigésimo sexto. Os capítulos apresentam títulos para além da numeração, e a duração quanto à sua leitura varia entre quinze e trinta minutos, o que é sinalizado pela barra que indica o desempenho de imersão textual.

Em **Aika**: a canção dos cinco, Lemos emprega um rico arsenal de artifícios trazidos à viabilidade pela interface do *website* em análise. Faz-se notável, já no prólogo do livro, o uso de recursos típicos do sistema hipermediático vinculado à contemporaneidade das telas e afins. A inclusão de músicas no cabeçalho das histórias – Prólogo e Capítulo 1 – é uma estratégia presente. Às vezes, a autora utiliza-se de um mínimo espaço para intentar estabelecer diálogos junto aos leitores da narrativa ao realizar questionamentos sobre o desenvolvimento da mesma ou deixar dicas sobre o *blog* dedicado à coleção e as outras redes sociais nas quais os usuários também podem contatá-la, como a página virtual do *Skoob* – Prólogo, Capítulo 2, Capítulo 4, Capítulo 6, Capítulo 7 e Capítulo 9. A escritora-internauta realiza o uso do recurso de itálico para demarcar não *flashbacks*, mas sim os pensamentos apresentados por seus personagens –

Capítulo 3. Além disso, alguns capítulos são segregados em partes, facilitando o fluxo de leitura, então, por aquele que ali se coloca ao deleite – Capítulo 5, Capítulo 6 e Capítulo 8. De todos os seus esforços, sobrelevamos os glossários publicados ao fim de algumas partes da obra – Capítulo 1, Capítulo 3 e Capítulo 8 –, os quais cumprem com o objetivo de clarificar termos ou expressões pouco usuais ou conhecidas do grupo de leitores, principalmente em virtude do enredo alicerçar-se sobre pilares característicos da cultura oriental, possuidora de minúcias complexas que a torna única e deveras eloquente (Figura 4).

>>> Glossário:

Dokushi (毒死)- "morte venenosa". É o nome dado a energia corrosiva e venenosa que emana de uma criatura das trevas em Gattai.

Sketchbook ("caderno de rascunho") é o nome dado a um caderno,

“**Dokushi**: ‘morte venenosa’. É o nome dado à energia corrosiva e venenosa que emana de uma criatura das trevas em Gattai”.

“**Sketchbook**: ‘caderno de rascunho’. É o nome dado a um caderno, normalmente portátil, onde um desenhista faz esboços de ilustrações ou estudos”.

Fig 4 Exemplo de glossário em **Aika**: a canção dos cinco. Fonte: *Wattpad*. Acesso em: 28 fev. 2023.

Apesar do aproveitamento deste ou daquele recurso trazido à oportunidade de trabalho na comunidade, a forma como as ilustrações são inseridas no decorrer dos capítulos de **Aika** é algo digno de teorização. Conforme apontamos em passagem anterior, a narrativa idealizada por Lemos pode ser entendida sob a expressão “mangá em prosa”, considerando o caráter estético sugerido por cenário oriental em virtude não somente de seu enredo, mas, sobretudo, dos traços predominantes nas representações gráficas dos elementos da história:

[...] texto e ilustrações auxiliam a construção de uma segunda narrativa, para além da primeira [...]: ao leitor é concedida a possibilidade de trabalhar criativamente com seu intelecto imaginativo, concebendo **Aika** ora como texto em prosa, ora enquanto produto também digno das páginas dos mangás [...]. (CELESTE; FERREIRA, 2021, p. 4, grifo dos autores).

É nessa relação de complementaridade entre textos que os caminhos da heroína-título são construídos, ditando aos admiradores de sua trama os entrelaçamentos necessários à inevitável fusão entre texturas e textualidades potencializada pela interface de manufaturas eletrônicas, culminando, decerto, em produto singular. Como retratado na entrevista ao *blog*, esse percurso faz-se preciso a fim de propiciar o diálogo inter textos, convidando-nos a transcender fronteiras e redefinir a noção de limites tradicionalmente atrelada ao encontro entre a Literatura e as artes em geral.

Cientes em relação ao panorama anteriormente descrito, seguimos com Claus Clüver, professor que assina o célebre artigo de título **Inter textus / inter artes / inter media** (2006), significativo trabalho na área de saber intermediática. Em seu estudo, ademais da apresentação de tópicos importantes ao campo de pesquisa em voga, também torna clara a diferença que reside entre os textos cujos conjuntos estruturais são integrados por distintas manifestações, ou seja, expressões verbais, imagens, faixas de áudio, vídeos ou mesmo *hiperlinks*, no âmago da produção abarcada por mídias eletrônicas. A exemplo, os livros escritos por Lemos podem ser classificados como textos mixmidiáticos se utilizarmos as terminologias empregadas pelo pesquisador supracitado. O principal motivo que nos conduz a alcançar tal assertiva se refere à necessidade de um contexto capaz de contemplar todas as formas de linguagem presentes no dado suporte, concedendo, ao findar do processo, plenos sentido e significado ao texto como um todo. Esse é o fator que distingue a obra da *wattpader* daquelas ditas multimidiáticas, pois as tantas mídias que as compõem, nesse último caso, ainda sim possuem coerência mesmo se extraídas do texto base, não sendo alteradas as suas funcionalidades. Os registros assinados por Lemos, porém, não deixam de ser multimidiáticos – se entendida essa tal configuração textual como resultante da união de diferentes mídias em prol da manufatura de algo maior.

Além disso, Clüver (2006, p. 24) inclui os textos mixmidiáticos e multimidiáticos em categoria análoga, relativa à fusão entre as mídias – plenamente viável também no suporte de natureza impressa. É importante isso reconhecermos, visto que a ideia de estabelecer relações entre texto e imagem por parte de Lúcia Lemos provém de um gênero há muito acolhido pelo Oriente. As *light novels*⁹ são prosas extensas cujas ilustrações possuem traços característicos da maioria dos desenhos japoneses, popularizados a partir de suas veiculações em massa por

⁹ Demais informações podem ser acessadas a partir do seguinte *link*: <http://www.intoxianime.com/2013/08/guia-light-novels-tudo-que-voce-queria>. Acesso em: 28 fev. 2023.

via dos mangás – que vagamente nos lembram as revistas em quadrinhos comercializadas no Brasil – e animes – produções audiovisuais semelhantes aos desenhos animados. Essas artes da escritora-internauta fazem-se presentes no transcorrer da obra enquanto páginas completas de mangás, servindo aos leitores como representações gráficas relativas a uma específica cena ou anúncios de ações que estão por acontecer na trama eletrônica (Figura 5).



Fig 5 Páginas de mangá presentes no decorrer das obras da saga **Aika**. Fonte: *Wattpad*. Acesso em: 28 fev. 2023.

Em **Aika**, a intermedialidade comum à era da convergência midiática faz-se evidente mesmo se considerarmos a etimologia primeira designada ao vocábulo. João Maria Mendes reuniu seus ensaios a respeito do tema sob o título **Introdução às intermedialidades**¹⁰ (2011), elucidando-nos os primórdios que assinalaram a evolução conceitual do termo em destaque. De acordo com o pesquisador, fora primeiramente adotada, essa tal terminologia, na área das comunicações, atribuindo-lhe o sentido de práticas interativas desenvolvidas simultaneamente em diferentes mídias ou destinada a distintos meios de se fazer compreender. Restrita em um primeiro momento a suportes analógicos, tais como rádio e televisão, secundariamente esteve presente em outras possíveis materialidades, como é o caso do ciberespaço, o que aconteceu, já sabemos, a partir do surgimento das primeiras tecnologias digitais conectadas à *Web*.

Cada vez mais dependente do progressivo avanço tecnológico (MENDES, 2011, p. 5), nos dias de hoje entendemos ser a intermedialidade o mais fidedigno reflexo da convergência

¹⁰ A grafia de Intermedialidade com “e” segue o português de Portugal.

das mídias anunciada por autores como Henry Jenkins¹¹, por exemplo, acima de tudo se nossos holofotes estiverem voltados ao ofício da Literatura Contemporânea – sendo mais específicos, da Literatura Eletrônica. A significação atualmente relegada a esse tal campo comunicacional inclina-se à multifuncionalidade, referente à “[...] associação cumulativa e convergente de diversas intermedialidades [...]” (MENDES, 2011, p. 12). Após ter logrado conquistar alguns adeptos na Literatura Comparada, a intermedialidade, então, passou a abraçar todas as formas que o encontro entre as diversas artes poderia representar. Em seu artigo **Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”**: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade (2012), Irina Rajewsky didatiza a temática ao propor-lhe uma divisão com base em três subcategorias que definem o seu modo de funcionamento – transposição midiática, que remete à adaptação de um conteúdo a diferentes suportes; combinação midiática, a qual se refere à coexistência de diferentes mídias em uma mesma materialidade; e referência intermidiática, que remonta às situações nas quais uma obra alude a outras. **Aika**, de Lúcia Lemos, gravita sobre as duas últimas classificações, dado por nos apresentar à fusão de expressões e linguagens e também em consequência da própria maneira por meio da qual conduz a produção de suas narrativas, sempre alusivas à cultura oriental, respectivamente. Por que não, podemos ainda conjecturar que a confecção dos *spin-offs* em formato de mangá revela a prática da primeira subcategoria, já que **Aika** em prosa passou a compreender elementos particulares a outros suportes.

Prosseguindo, há informações sobre a comercialização de títulos impressos e digitais – Prólogo –, convites para acesso ao *blog* a respeito da saga, **Gattai No Sekai** – Capítulo 4 –, e questionamentos especulativos acerca das impressões apresentadas por leitores-internautas, o que se fez predominantemente presente neste título – Capítulo 2 e Capítulo 6 (Figura 6). Supomos que isso tenha ocorrido com maior frequência no referido volume por se tratar do então primeiro empreendimento de sua autoria na seara literária. Assim, talvez, os *feedbacks* provenientes do público, cuja dinâmica de acesso tornara-se célere e facilitada em face das novas tecnologias, representassem inestimável valor à *wattpader*, ainda à época, iniciante no ofício da escrita. Não devemos nos olvidar de que apesar dessa prática não ter sido percebida no outro livro analisado, Lemos parece se preocupar com a recepção dos apreciadores de seus feitos, algo verificado quando efetuamos um breve passeio por suas redes sociais.

¹¹ Responsável pelo célebre título teórico **Cultura da convergência** (2008).

Fala pessoal! O que estão achando do livro? E o mapa de Gattai *o*? Pra quem não sabe, todos os desenhos são feitos por mim também, alguns em aquarela e outros em pintura digital ^^

10

Não se acanhe em deixar um comentário, uma opinião ou crítica, isso é muito importante para mim. Se você curtiu, deixe um voto para ajudar Aika e não se esqueça de adicionar este livro a sua estante no skoob :D

8

“Fala pessoal! O que vocês estão achando do livro? [...]

Não se acanhe em deixar um comentário, uma opinião ou crítica,
isso é muito importante para mim [...].”

Fig 6 Lúcia Lemos pergunta a opinião dos seguidores sobre sua história em *Wattpad*. Fonte: *Wattpad*. Acesso em: 28 fev. 2023.

Encerrada a amostra da primeira história da heróina Aika, o que precisamente ocorre no Capítulo 10, temos ainda alguns recados da autora aos leitores. Um deles é responsável por indicar o motivo que a influenciou realizar as supressões textuais na obra até então publicada integralmente no *website*. Utilizando-se de um tom amistoso, solicita aos seguidores olhares reservados no que concerne à decisão por ela tomada, diretamente vinculada à publicação de seus livros impressos por meio de editoração: “[...] por favor, não odeie o fim desta amostra. Eu e a editora PenDragon temos contas a pagar tanto quanto você [...]. Que este não seja o fim do nosso contato, mas sim, um convite para esta nova jornada [...]” (LE MOS, 2019b, n.p.).

Como esperado, **Aika**: o tabuleiro do oráculo refere-se ao produto textual que concede adequada continuidade à trilha de aventuras iniciada pelos personagens de Lúcia Lemos ainda no primeiro título da coleção. Também disponibilizado na grande rede sob formato reduzido, o livro, em *Wattpad*, possui somente doze capítulos, iniciando a amostra a partir do Prólogo, partindo do Capítulo 26 e finalizando o enredo no Capítulo 33, momento de maior clímax – estratégia empregada pela escritora intuindo fazer com que os usuários leitores da plataforma procurassem recorrer à obra física completa. Neste volume, alguns artifícios outrora utilizados são aqui mais uma vez aproveitados, reforçando a ideia de texto ora mix, ora multimidiático. Em geral, foram inseridas informações adicionais por meio da inclusão de vídeos musicais no cabeçalho desta ou daquela parte da narrativa – Prólogo e do Capítulo 30 ao Capítulo 33 –, glossários – Capítulo 27 e Capítulo 28 – e itálico para indicar pensamentos de personagens –

Capítulo 29. Inclusive, cabe denotarmos o papel de fundamental importância e influência que a música exerce sobre a escrita da autora. Uma das postagens de seu *blog*, **Gattai No Sekai**, apresenta aos visitantes um extenso texto explicativo acerca do significado de cada música escolhida para compor as *playlists* de **Aika**, publicadas na plataforma do *Spotify*. Ademais, a própria idealizadora do produto literário reconheceu o delicado e preciso diálogo estabelecido entre seus registros e suas músicas prediletas, instaurando a já conhecida relação cinestésica proposta pelo fazer-se presente da Literatura em suporte eletrônico, o que proporciona ler um texto e, simultaneamente, apreciar canções que guardem com ele proximidade – “[...] você pode ouvi-las enquanto lê os livros e especiais, e quem sabe, sentir no coração as emoções que elas me causam para escrever [...]” (LE MOS, 2020, n.p.).¹² Aqui, as muitas abas que os computadores nos permitem abrir e acessar são atribuídas de funções outras que as afastam do poder de esfacelamento ao qual estiveram e ainda se constituem sujeitas, porque congregam o que a intermedialidade do ciberespaço obstinou-se a unir: formas de ser, ler, estar e escutar, e tantas outras manifestações, em uma ímpar e plural atmosfera, a grande rede que é a Internet.

Na obra de Lemos, texto e imagem se fundem para estabelecer uma agradável relação de reciprocidade entre as possíveis formas de expressão, tornando-as interdependentes graças à sua disposição sob as chancelas do ambiente virtual. Particularmente, isso pode ser melhor visualizado no Capítulo 26 do livro agora em análise, quando a escritora-internauta aparenta se preocupar em descrever ao leitor a cena por ela ilustrada e disponibilizada em sequência. Também cabe lembrarmos que o texto transposto ao suporte de papel perdera muitas de suas representações gráficas, delegando aos trechos verbais, antes meramente descritivos, a função de delineamento das ações desenvolvidas pelos personagens ali atuantes (Figura 7).

¹² As *playlists* elaboradas por Lúcia Lemos voltadas ao enredo da coleção literária de sua autoria podem ser aqui acessadas:

Aika Saga - <http://open.spotify.com/playlist/1fRQZ2ZV0CezjYXCkbb1g4> e Aika Saga BGM - <http://open.spotify.com/playlist/4DHfVHWd7S4NtBZpsS8NP3>. Acesso em: 28 fev. 2023.



“[...] Parou a quase dois metros de distância de Aika. Ela estava mais alta e menos magra, para sua surpresa, o rosto com mais cor e carne do que da última vez que vira pela *webcam*. Notou seus lábios vermelhos tremerem em palavras que não saíram. Uma delas tinha que dar o primeiro passo e foi Lis quem o fez, largando a mala e abraçando-a [...]”.

Fig 7 Exemplo de trecho descritivo e ilustração correspondente em *Aika: o tabuleiro do oráculo*. Fonte: *Wattpad*. Acesso em: 28 fev. 2023.

Por essas e outras vias, percebemos a complexidade que se figura presente na obra de Lúcia Lemos. Totalmente envolta pela atmosfera *wattpediana*, a autora não se contenta com o texto apresentado sob moldes clássicos: disponibiliza aos seguidores de seu perfil em *Wattpad* histórias pertinentes ao terreno sobre o qual escolhera, *a priori*, tatear; narrativas repletas de caminhos arbitrários, haja vista a intermedialidade que emana de cada mídia ali evocada.

Considerações finais

A trajetória de empreendimentos trilhada por Lúcia Lemos torna ainda mais evidente a nova circunstância de produção literária propiciada pela progressiva evolução da eletrônica. Circundada por desafios tipicamente enfrentados por autores que buscam lugar ao sol defronte as imposições da civilização do consumo, do espetáculo e do entretenimento, essa *wattpader* caminha sobre a delicada linha que segrega os modos de se fazer Literatura, apresentando-se como uma perspicaz equilibrista que mensura os prós e os contras de escrever sobre universos mágicos, desconhecidos e para diferentes suportes. Felizmente, o bem sobrepõe-se em

relação ao mal e, assim, a internauta tem optado por voar sobre o dorso de dragões alados, objetivando conquistar para a sua saga o maior número possível de territórios e seguidores.

É interessante também salientarmos os esforços da escritora no que tange ao caráter intermediário que passa a assumir suas produções textuais ao aproveitar-se dos artifícios do território ciberespacial, assinando as próprias ilustrações e imprimindo personalidade aos seus feitos literários. Quando Lemos se utiliza de recursos eletrônicos para confeccionar os livros, não somente constrói um universo singular exclusivamente dedicado às narrativas que assina, mas, também, sobremaneira, contribui à consolidação do universo onde mídias se encontram, abraçam-se e se constituem peculiares justamente por essa dinâmica convergencial.

Mediante o quadro esboçado por intermédio do presente discorrer, entendemos que as manifestações literárias prevalentes graças ao gradual fortalecimento da *World Wide Web* têm encontrado novos lugares para sua morada. E é nesse movimento de acolhida que a Literatura conivente à contemporaneidade digital experimenta ser, estar e existir sob diferentes facetas.

Referências

- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- CANDIDO, A. O escritor e o público. In: CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010. p. 13-49.
- CELESTE, J. da S. G.; FERREIRA, R. de S. S. Literatura e intermedialidade em *Wattpad*: a saga 'Aika', de Lúcia Lemos. In: CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE, 1., 2021, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG, p. 1-6, 2021. v. 1.
- CELESTE, J. da S. G. Clique aqui para o próximo capítulo: as (ciber)potencialidades literárias de *Wattpad*. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.
- CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- CLÜVER, C. Inter textus / Inter artes / Inter media. *Aletria: Revista de Estudos em Literatura*, Belo Horizonte, v. 14, p. 10-41, 2006.
- FLUSSER, V. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMOS, L. Aika: a canção dos cinco. *Wattpad*, [s. l.], 2015. Disponível em: <http://www.wattpad.com/story/53716970-aika-a-can%C3%A7%C3%A3o-dos-cinco-a-saga-aika-1-degusta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 fev. 2023.

LEMOS, L. Aika especial: a pérola cósmica de Kynryuu. *Wattpad*, [s. l.], 2016. Disponível em: <http://tapas.io/series/A-Prola-Cosmica-de-Kinryuu>. Acesso em: 28 fev. 2023.

LEMOS, L. Aika: o tabuleiro do oráculo. *Wattpad*, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://www.wattpad.com/story/169067419-aika-o-tabuleiro-do-or%C3%A1culo-a-saga-aika-2>. Acesso em: 28 fev. 2023.

LEMOS, L. Aika especial: quando nasceu a amizade. *Wattpad*, [s. l.], 2019a. Disponível em: <http://www.wattpad.com/story/151161578-aika-especial-2-quando-nasceu-a-amizade>. Acesso em: 23 fev. 2023.

LEMOS, L. O fim desta amostra e o começo de uma nova aventura. *Wattpad*, [s. l.], 2019b. Disponível em: <http://www.wattpad.com/782839563-aika-a-can%C3%A7%C3%A3o-dos-cinco-a-saga-aika-1-fim-desta>. Acesso em: 28 fev. 2023.

LEMOS, L. Playlists da saga Aika no Spotify! *Spotify*, [s. l.], 2020. Disponível em: <http://gattainosekai.blogspot.com/2021/04/playlists-da-saga-aika.html>. Acesso em: 3 fev. 2022.

LEMOS, L. Rumo à Gattai: uma entrevista com Lúcia Lemos, autora da saga ‘Aika’. [Entrevista concedida a] Jennifer Celeste. *Entre Linhas, Entre Pautas*, Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <http://entrelinhasentrepautas.blogspot.com/2021/05/rumo-gattai-uma-entrevista-com-lucia.html>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MANGUEL, A. *Notas para uma definição do leitor ideal*. São Paulo: SESC Edições, 2020.

MENDES, J. M. *Introdução às intermedialidades*. Lisboa: Escola Superior de Teatro e Cinema, 2011.

NETO, L.; FACCHINI, T. Cresce o número de publicações independentes nos EUA e por aqui, os autopublicados querem livros impressos. *PublishNews*, [s. l.], 2016. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/cresce-o-numero-de-publicacoes-independentes-nos-eua-e-por-aqui-os-autopublicados-querem-livros-impressos>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OMENA, M. Plataformas de autopublicação de livros ganham impulso na pandemia. *Forbes*, São Paulo, 2021. Disponível em: <http://forbes.com.br/forbes-money/2021/06/plataformas-de-autopublicacao-de-livros-ganham-impulso-na-pandemia>. Acesso em: 28 fev. 2023.

PELLEGRINI, T. A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado. *Unicamp*, Campinas, 1997. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio33.html>. Acesso em: 28 fev. 2023.

PENDRAGON. Publique conosco. *Editora Pendragon*, Indaiatuba, 2021. Disponível em: <http://www.editorapendragon.com.br/publique-conosco>. Acesso em: 28 fev. 2023.

PETIT, M. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019.

PIMENTA, P. *Fazendo meu filme*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2009.

PUCHNER, M. *O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RAJEWSKY, I. O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, T. F. N. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 15-45.

RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

VIEIRA, B. *Quando tudo começou*. Belo Horizonte: Nemo, 2015.

VIEIRA, B. *O mundo de dentro*. Belo Horizonte: Nemo, 2016.

Abstract: This article aims at presenting investigations in the field of intersection between Literary Studies and Interarts. For this, it starts from some of the main records present in a doctoral thesis already defended in the area of Literature. The research intended to discuss the perspectives in relation to the literary expression of an electronic nature, in particular, that produced in *Wattpad*, a virtual platform for self-publishing. In this text, the focus is on the work *Aika*, signed by Lúcia Lemos, a Brazilian *wattpader*. This author's books are examples of art that has intermedial elements, as different media converge in them, creating unique results. Due to the path taken, the theoretical contributions of some scholars became necessary, such as Vilém Flusser, Claus Clüver, João Maria Mendes and Irina Rajewsky. In general, we perceive that Electronic Literature has managed to conquer space among the many ways of being and existing of the text when in contemporary and digital times, especially if under the shed of intermediality.

Keywords: Electronic Literature; Intermediality; Independent authorship; *Wattpad*.

Recebido em: 12 de março de 2023.

Aceito em: 11 de agosto de 2023.